

Para Herrera Campins, a atuação do FMI pode deflagrar uma rebelião

por William Chislett
do Financial Times

O presidente Luis Herrera Campins, da Venezuela, advertiu o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos internacionais de que, se não mudarem profundamente suas políticas duras sobre a crise da dívida de US\$ 300 bilhões da América Latina, poderão deflagrar uma rebelião entre as nações devedoras.

O enérgico discurso de Herrera Campins foi feito na sexta-feira, em Caracas, no encerramento da conferência ministerial, convocada pela Organização dos Estados Americanos (OEA), para discutir a situação de crise provocada pela elevada dívida externa dos países latino-americanos.

O discurso do presidente venezuelano contrastou com o tom calmo da conferência, na qual os Estados Unidos conseguiram diluir todas as propostas — inclusive o pedido de aumento imediato dos recursos do FMI —, sem quase contestação dos latino-americanos.

O presidente venezuelano criticou o FMI por não se adaptar às novas circunstâncias causadas pelas elevadas taxas de juros internacionais e pelo impacto devastador que causaram sobre a dívida latino-americana e o agravamento das condições comerciais.

Herrera Campins disse que o FMI não mais poderia agir como a "polícia dos bancos internacionais" e que a instituição e os bancos precisam ajudar as nações devedoras a "reembolsar suas dívidas sob termos e condições que, em vez de empobrecerem o devedor, o ajudem a se recuperar".

Comparou a situação à luta entre Davi e Golias e sugeriu que, se o FMI e os



Luis Herrera Campins

bancos não forem mais flexíveis, eles poderiam encontrar o mesmo destino de Golias.

As observações de Herrera Campins visaram, em parte, obter benefício político interno neste período pré-eleitoral da Venezuela, aproveitando a atual disputa de seu governo com os bancos credores por causa de atraso no pagamento de juros e reescalonamento de US\$ 18 bilhões de dívida.

Mas o discurso manifestou também os sentimentos particulares de muitos dos delegados na conferência sobre a dívida, que estão descontentes com a posição obstinada dos Estados Unidos sobre as questões de política econômica, a maioria das quais os norte-americanos se negaram a discutir.

Os países evitaram eles próprios criticar abertamente os Estados Unidos por não desejarem "balançar o barco", nas palavras de um diplomata europeu. Mas muitos são de opinião que o processo de ajustamento necessário para ajudar os países a superar a crise de dívida precisa ser igualmente partilhado e que os bancos deveriam diminuir seus "spreads" sobre os empréstimos reescalados e reduzir suas taxas de comissão.